



Bom dia, Zapverso

Pamella Soares de Souza

"Pamella Anderson"

Pamella Soares de Souza

Bom dia, Zapverso

Trabalho de conclusão de curso de Artes Visuais, habilitação em Licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof. Dra. Luisa Günther

Brasília

2022

Resumo

Este trabalho tem como proposta apresentar uma colagem de pensamentos, sentimentos e imagens que refletem na minha produção artística entre os anos de 2019 a 2022. Por meio da linguagem da pintura, tenho criado o *Zapverso*, um universo ficcional construído a partir da apropriação de imagens que circulam na rede, tais como memes e elementos relacionados ao *Whatsapp*, *emojis* e visuais oníricos. Interessada na cultura brasileira de internet, ao aproximar a linguagem da pintura aos memes, utilizo o humor em minhas obras como forma de subverter e dialogar com a realidade no Brasil. Assim, penso na urgência de refletir sobre o nosso comportamento online para tentar compreender o que têm acontecido no mundo digital e como ele têm afetado o nosso cotidiano dentro e fora das telas eletrônicas.

Dividi esta monografia em seis partes. Começo com "O fenômeno do *Zapzap* no Brasil" e "*Fake news* e a criação de um Brasil paralelo" onde contextualizo a influência da rede social *Whatsapp* no atual cenário político e cultura brasileira de internet. Em "Tutorial de como transformar qualquer item em algo do *Zapverso*" mostro de forma simplificada minha prática de apropriação e manipulação de imagens que posteriormente desenvolvo nas pinturas. Nos capítulos "Chorando de rir ou rindo para não chorar" e "*Burnout* dos *emojis*" contemplo sobre a ambiguidade do humor brasileiro na internet e investigo a minha relação com os *emojis* na produção. Em "Bem vindo ao *Zapverso* e bom dia, fim do mundo" apresento considerações finais sobre o trabalho.

Para amarrar conceitualmente essas ideias e referências, utilizo da estética das conversas da rede social *Whatsapp*, em que as bolhas de fundo verde representam as minhas reflexões e as bolhas de fundo branco remetem aos pensamentos de autores que tenho estudado. Esta materialização visual da pesquisa me permitiu construir uma narrativa pautada na subjetividade que me ajudou a entender os meus processos de aprendizagem enquanto artista visual e transformou o trabalho em um diário-obra onde exponho as minhas investigações poéticas até o presente momento.

Agradecimentos

Sou grata a todas as interações de afeto, virtuais e presenciais, que me motivaram a seguir produzindo em tempos tão difíceis. 🥺🎨🌈

Em especial, agradeço à minha família por todo amor e paciência que não cabem em *emojis* 🦀❤️ e à minha orientadora Luisa Günther pela magia de se mostrar vulnerável nos breves encontros. ✨🌙🌟

Sumário

O fenômeno do *Zapzap no Brasil* **p.7**

Tutorial de como transformar
qualquer item em algo do *Zapverso*
p.9

Fake news e a criação de um Brasil
paralelo **p.14**

Chorando de rir ou rindo para não
chorar **p.23**

Burnout dos *emojis* **p.31**

Bem vindo ao *Zapverso* e bom dia
para o fim do mundo **p.62**

Referências bibliográficas **p.67**

O fenômeno do Zapzap no Brasil

Mr Galiza

¹
 Ô, meu Deus, meu senhor
 Ô, me ajuda, por favor
 É na escola, no trabalho e na faculdade
 Tô viciado no Zap

No Brasil, a principal forma de acessar o mundo digital é através de um *smartphone*.

¹ ZAP zap. Intérprete: Mr. Galiza. Compositor: Mr. Galiza. *In*: O bonde das amigas. Intérprete Mr. Galiza. Salvador: Thiago Gravações, 2016. Streaming de música Spotify, faixa 3 (4 min). Disponível em <https://open.spotify.com/track/4nfrAO7dzvMh6VmfnjiFyu?si=79b3fbd58e9341d8>. Acesso em 10 de agosto de 2022.

Em geral, um celular costuma ser mais acessível à população brasileira do que um computador, *laptop* ou *tablet*.

E foi nesse cenário que o *Whatsapp* se popularizou no país.

Com **120** milhões de usuários ativos, estima-se que 98% dos brasileiros que possuem um *smartphone* utilizam o *Whatsapp* como principal meio de comunicação.

O *Whatsapp Messenger* é um aplicativo de mensagens multiplataforma que permite trocar mensagens pelo celular sem pagar por SMS.

Além das mensagens de texto, podem ser compartilhadas imagens, vídeos, documentos e áudios de maneira instantânea, bastando apenas possuir conexão com a internet.

Com a ascensão dos *smartphones* e a chegada do *Whatsapp* no Brasil em 2009, ligações e envios de SMS caíram em desuso, visto que sempre foram serviços caros para a maioria da população.

Várias operadoras logo passaram a oferecer o *Whatsapp* gratuitamente em planos pré-pagos, muitas vezes com acesso ilimitado, sem descontar dados da franquia dos usuários, atraindo assim muitos brasileiros a se conectarem pela plataforma.

Permitindo desde conversas privadas à criação de grupos, com pessoas próximas e também desconhecidas, o *Whatsapp* mudou a vida de milhões de brasileiros, que passaram a poder dialogar e trocar informações, inclusive fazer negócios, em tempo real, de qualquer distância e por um custo muito baixo.

Em um mundo que cada vez mais preza por informação, desenvolvimento e velocidade, não é sem motivo que estar conectado pelo *Whatsapp* tornou-se para muitos brasileiros um símbolo da popularização da internet.

Mais do que um simples aplicativo de mensagens, o *Whatsapp* virou um fenômeno no Brasil, ganhando até apelido: *Zap*, *Zapzap* e suas inúmeras variações.

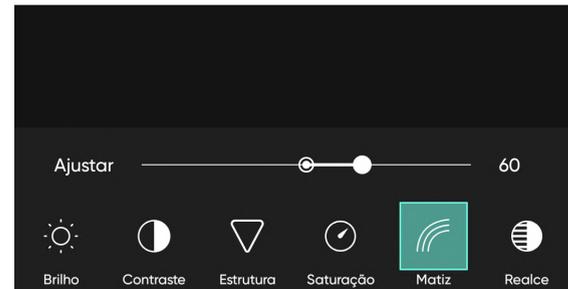
Seja na escola, no trabalho ou na faculdade, como canta Mr. Galiza, é inegável que a fama do *Zap* conquistou milhões de brasileiros, transformando o aplicativo em uma poderosa rede social, assim como também em um vício no cotidiano que tem trazido sérias consequências à realidade brasileira.

Tutorial de como transformar qualquer item em algo do Zapverso

2. Caso o item escolhido não seja da cor verde, altere a matiz da imagem até torná-lo verde.

Sinta-se livre para utilizar um editor de imagem de sua preferência.

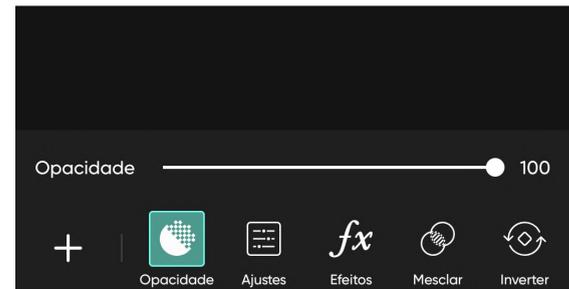
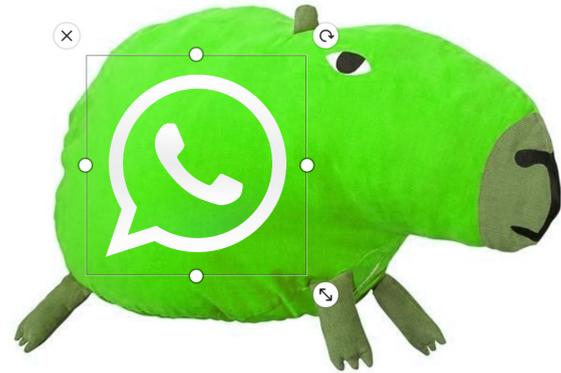
Exemplo:



3. Adicione a logo do Zap sobre o seu item verde. Ajuste a proporção da logo de acordo com a sua imagem.



4. Parabéns! Agora o seu item está devidamente Zapeado!



Continue praticando com este método e logo você será capaz de ver e transformar todas as coisas ao seu redor em itens do Zapverso.



Divirta-se!



Em breve no próximo tutorial: como deixar sua *fake news* absurdamente emocionante 🤖🙄😍 Não perca!

Fake news e a criação de um Brasil paralelo

Dada a dependência crescente que criamos em relação aos *smartphones*, não estar conectado significa estar à margem tanto da esfera da comunicação quanto da gestão prática de nossas necessidades cotidianas.

Como as condições de acesso a internet no Brasil ainda são bastante desiguais, muitos encontraram no *Whatsapp* a única forma de se conectar ao mundo digital.

Devido a esta dinâmica de se orientar apenas pelas notícias que circulam dentro da plataforma, combinada a um tratamento cada vez mais raso e não analítico das informações, o *Whatsapp* tem se tornado uma perigosa arma de disseminação de *fake news*.

Nas mãos de usuários viciados no *Zapzap*, brasileiros constroem uma realidade paralela que não condiz com o que acontece realmente no país.

Ao mesmo tempo em que a internet tem o potencial de democratizar informações e ampliar as nossas visões de mundo, por outro lado, a vida no *Whatsapp* do Brasil tem sido um ambiente fértil para a desinformação em massa.

Os internautas brasileiros parecem compartilhar memes e mensagens de bom dia com a mesma facilidade de propagar discursos de ódio baseados em suas crenças pessoais.

Guilherme Wisnik

Se antes as dúvidas que se tinha sobre os mais variados assuntos precisavam ser respondidas com base no conhecimento acumulado das pessoas, ou na busca de informações em enciclopédias volumosas e em bibliotecas, hoje, através da internet, essas respostas são imediatas e assertivas, ainda que não necessariamente corretas.

Assertividade confiante que se prolonga e se propaga no comportamento mediano das pessoas nas redes sociais.

Pois, ainda que seja um riquíssimo espaço de pesquisa e conhecimento em potencial, o ciberespaço é também - como meio de comunicação e interação - um "lugar" no qual as pessoas expõem muito menos dúvidas do que certezas.

Em 2018, o *Whatsapp* no Brasil teve um papel fundamental na definição do cenário político do país, que já se encontrava em crise econômica e diante de uma população abalada pelas manifestações de 2013.

Atendendo a interesses políticos e econômicos de direita a fim de influenciar votos de eleitores em potencial, inúmeras notícias falsas foram direcionadas a comunidades particularmente inclinadas a acreditar nessas informações, como é o caso de pessoas mais velhas.

Além *fake news*, memes também atuavam na construção e disseminação de discursos de ódio.

¹ WISNIK, Guilherme. *Dentro do nevoeiro: arquitetura, arte e tecnologia contemporâneas*. 2ª reimpressão. São Paulo, SP: Ubu, 2020, p.87.

2

Bruno Cardoso Dias

De acordo com Simpson (2012), a mensagem de ódio se caracteriza por referenciar - através dos dizeres, imagens e símbolos - antipatia por grupos ou indivíduos de determinados nichos, por causa de sua raça, sexualidade, religião, crenças ou visões de mundo.

Além disso, o discurso de ódio se caracteriza por um tom extremista, como se a existência e a forma de vida de determinado segmento da sociedade, oferecesse uma ameaça à ordem.

Em seu livro *Dentro do Nevoeiro*, Guilherme Wisnik diz que estamos vivendo o fenômeno da "pós-verdade" com as *fake news* e a apropriação de formas discursivas da esquerda por grupos de direita.

Ele expõe que essas verdades fabricadas encontram na internet um meio de propagação que blinda as pessoas até certo ponto do confronto necessário com os fatos.

² SIMPSON, Robert Mark. *Dignity, Harm, and Hate Speech*. USA, Springer, 2012, apud CARDOSO, Bruno Dias. *Notícias falsas e democracia: Bolsonaro e o Whatsapp nas eleições de 2018*, p.13. Trabalho de conclusão de curso (Especialista em Mídia, Informação e Cultura) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

3

Guilherme Wisnik

No caso específico do Brasil recente, sente-se que foi justamente do grande nevoeiro de junho de 2013 - onde as pautas e os desejos que levaram as pessoas para as ruas eram múltiplos e difusos - que surgiu esse atual estado de dualização radical, em que as posições se polarizaram e inflamaram, e os antigos dissensos se tornaram ódio e cisão.

O que, no entanto, paradoxalmente, só fez aumentar o estado de incertezas políticas e ideológicas que vivemos.

³ WISNIK, Guilherme. *Dentro do nevoeiro: arquitetura, arte e tecnologia contemporâneas*. 2ª reimpressão. São Paulo, SP: Ubu, 2020, p.89.

4

Bruno Cardoso Dias

Segundo Arendt (1997), os movimentos totalitários antes de tomarem o poder, criam um mundo de coerências próprias que se adequa as necessidades da mente humana.

Exatamente por isso, as crises econômicas são um terreno fértil para o plano de totalitários.

Em crise e abalados com os golpes da realidade, os cidadãos ficam atomizados, raivosos e sem raízes.

O bom senso se perde, porque a imensa crise eliminou o bom senso de suas vidas.

Sendo assim, os totalitários se apropriam das massas e as isolam, o máximo possível da realidade, criando um mundo de imaginação.

⁴ ARENDT, Hannah. As origens do Totalitarismo. Companhia de Bolso, 1997, apud CARDOSO, Bruno Dias. Notícias falsas e democracia: Bolsonaro e o Whatsapp nas eleições de 2018, pp. 16-17. Trabalho de conclusão de curso (Especialista em Mídia, Informação e Cultura) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Em um cenário em que a ação dos algoritmos na internet é que passou a conferir credibilidade às informações, criaram-se bolhas alimentadas com realidades distorcidas.

E como a lógica do algoritmo apenas reafirma as convicções pessoais e não estimula reflexões, isso gera como consequência uma falsa impressão de que os ideais compartilhados nesses grupos refletem a realidade da maioria da sociedade.

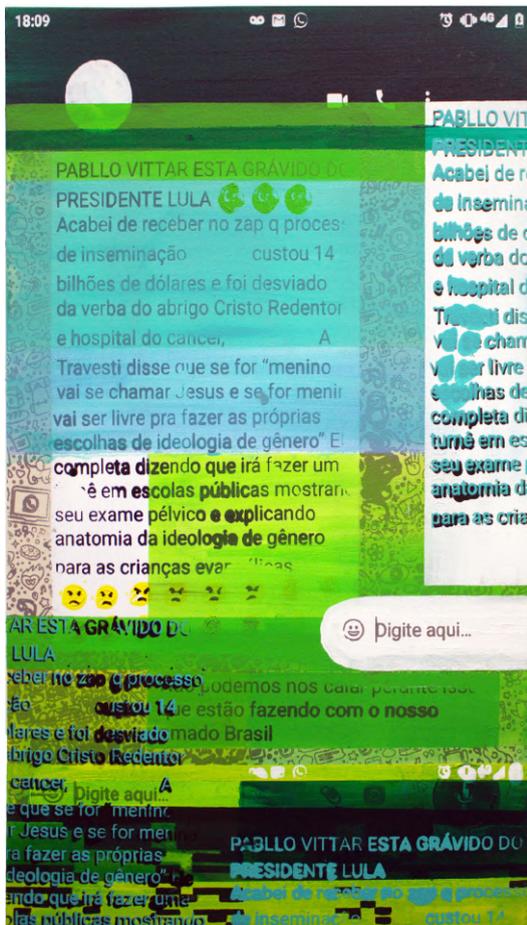
Dentro dessas bolhas distópicas, qualquer opinião diferente é vista como uma ameaça, surgindo assim um universo de fingimento e ficção.

Em 2019, interessada na reprodução exagerada dessas narrativas equivocadas e extremistas, me apropriei de algumas correntes de *fake news* e de suas paródias que circularam no Brasil durante o período eleitoral de 2018 para realizar a série "*Entrei no Zap e veja no que deu*".

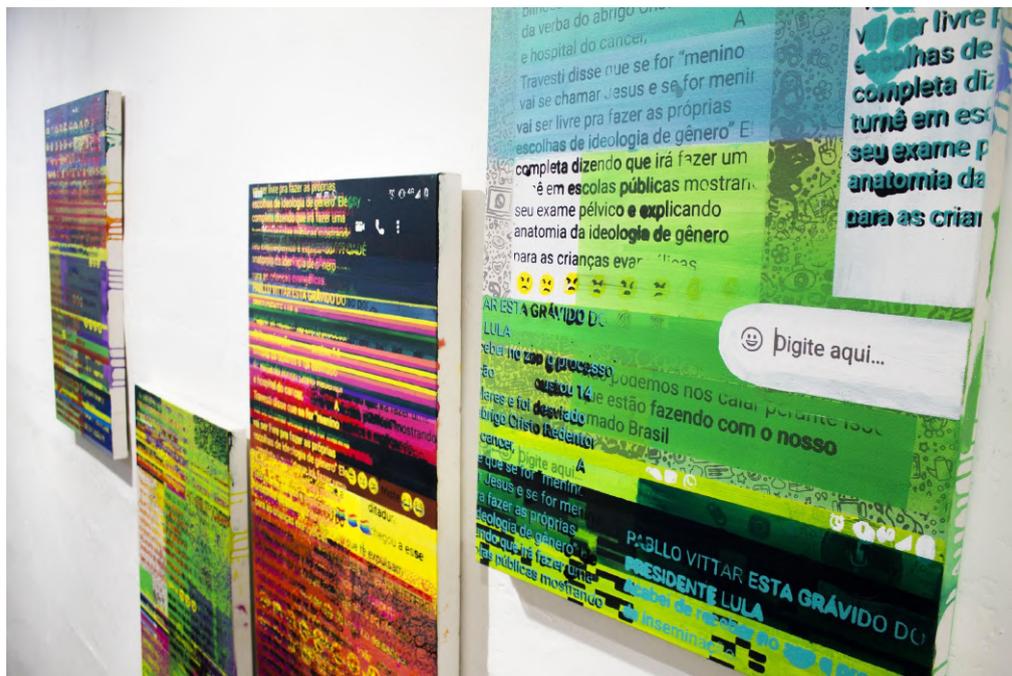
Através da técnica da serigrafia, fiz a reprodução dos elementos visuais da tela do *Whatsapp*, sobrepondo camadas e saturando as informações nas pinturas.



"Correntes", da série Entrei no zap e veja no que deu
 Pamela Anderson
 2019
 Acrílico sobre tela
 60 x 100 cm



"Correntes", da série Entrei no zap e veja no que deu
 Pamela Anderson
 2019
 Acrílico sobre tela
 60 x 100 cm



"Correntes", da série Entrei no zap e veja no que deu
 Pamella Anderson
 2019
 Acrílico sobre tela
 60 x 100 cm

Chorando de rir ou *rindo para não chorar*

😂 como símbolo de viver no Brasil

Estamos vivendo um momento histórico marcado por profundas instabilidades e incertezas, em que as informações aparecem para nós de forma frequentemente distorcida e manipulada, dificultando a compreensão do que é realidade e do que é ficção.

No Brasil, parece que o absurdo é sempre algo esperado no contexto político, como se a corrupção estivesse enraizada na cultura brasileira.

Como se não houvesse muita esperança no futuro do país, os internautas brasileiros encontram nos memes uma forma de alívio da tensão coletiva, isto é, como uma maneira de minimizar, mesmo que simbolicamente, as pressões de viver em condições sociais tão difíceis.

1

¹ MEYER, J.C. Humor as a double-edged sword: four functions of humor in communication. *Communication Theory*, Oxford, v.10, n.3, p.310-331, 2000, apud Monteiro Lunardi, Gabriela & Burgess, Jean (2020) “É Zoeira”: as dinâmicas culturais do humor brasileiro na internet. In Chagas, Viktor (Ed.) *A cultura dos memes. Aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital*. EDUFBA, Salvador, Brasil, p.429.

Matheus Baccarin

- 2 Vista como enfadonha, complicada, vergonhosa e por isso rejeitada por tantos cidadãos, a política tradicional pode se tornar mais palatável quando consumida por meio de memes da cultura pop, que é familiar e cotidiana para os indivíduos.

Parece então ser no mínimo interessante e talvez até exitoso o fenômeno de cidadãos antes desinteressados na política passarem a comentá-la de um jeito divertido e despojado: isso nos dá esperança ante uma forte crise de representação.

² PEREIRA, Matheus Baccarin. #EleiçãoSemLulaÉFraude x #MoluscoNaCadeira: memes no julgamento do Lula e o confronto de enquadramentos por meio do humor. 2018, p.51. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciência Política) — Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

Todavia, caso a criação e o compartilhamento de memes nas mídias sociais não seja acompanhado de um aprofundamento técnico, sem maior apuração dos fatos, podemos ver a incidência de um efeito danoso, já nosso velho conhecido: o aumento da despolarização e da alienação política, já que, no fim, a discussão política por memes não passaria de um debate vazio, além da possível difusão de notícias falsas e preconceitos por meio destas mídias.

Este receio se baseia no eventual risco do aspecto crítico e político dos memes da Internet atentar-se em favor da brincadeira e da diversão. É o temor de que o humor deixe de ser uma arma política e torne-se, na verdade, o ópio do povo.

Embora o humor tenha o potencial de ser utilizado como um mecanismo de protesto, durante o tempo que passo em rede, tenho percebido que o consumo excessivo dos memes tem provocado uma certa anestesia social.

Em uma cultura da zoeira, os memes brasileiros banalizam e dificultam uma reflexão real sobre os nossos problemas enquanto sociedade, que parecem eternos.

Gabriela Lunardi

"Zoeira" vem do verbo "zoar" e tem diversos significados, mas está relacionada, essencialmente, ao ato de brincar ou fazer piada.

Assim, na internet os usuários falam que "é zoeira" quando se referem a uma brincadeira ou piada que foi feita de forma maldosa sobre um assunto sério, que não era pra ser engraçado.

A palavra "zoeira" sintetiza de forma clara esse comportamento particularmente brasileiro na internet - essa ambivalência em retratar o seu próprio país de forma grotesca e irônica, ridicularizando seus próprios fracassos como nação, quase como se fosse motivo de orgulho.

3

³ Monteiro Lunardi, Gabriela & Burgess, Jean (2020) "É Zoeira": as dinâmicas culturais do humor brasileiro na internet. In Chagas, Viktor (Ed.) *A cultura dos memes. Aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital*. EDUFBA, Salvador, Brasil, p.433.

Escolho trabalhar com o *emoji* chorando de rir por considerá-lo como um símbolo dessa dualidade do humor brasileiro, em que o riso na verdade esconde um forte sentimento de angústia.

Impotentes e embriagados por memes, seguimos rindo para não chorar, sobrevivendo ao caos.



No segundo semestre de 2019, tive a oportunidade de participar de uma residência artística em São Paulo.

Na cidade, experimentei dar corpo ao *emoji* chorando de rir, procurando vivenciar situações em que a cor amarela estava presente no meu cotidiano.

Transformei uma bola inflável de *emoji* como máscara para cobrir meu rosto e a combinei com roupas amarelas, resultando em duas performances: "*Largo Amarelo*" e "*Linha 4 Amarela*".



A primeira experiência foi realizada em um dos bares no Largo da Batata, que passei a frequentar para encontrar com amigos pós expediente e compartilhar as alegrias e as tristezas da vida.

"Largo Amarelo"
Pamella Anderson
São Paulo, 2019
Performance



Já a segunda foi realizada dentro do metrô da linha 4 amarela, cujo alerta sonoro do saxofone entre as paradas das estações orquestrava diariamente os rostos apáticos dos passageiros.

"Linha 4 Amarela"
Pamella Anderson
São Paulo, 2019
Performance

Tanto no Largo da Batata quanto no metrô, a circulação de transeuntes era intensa e a expressão em seus rostos sempre se mostravam cansadas.

Mesmo no bar, os risos pareciam mascarados pela embriaguez da cerveja.

A bola murcha que utilizei como máscara dava uma expressão cômica e aterradora ao *emoji* e parecia adequar-se estranhamente às situações.

Era como se o *emoji* tivesse sido sucateado com o passar do tempo, condenado a sobreviver na condição de *chorrir* para sempre.

Marshall Berman

Eu começo a sentir a embriaguez a que essa vida agitada e tumultuosa me condena.

Com tal quantidade de objetos desfilando diante de meus olhos, eu vou ficando aturdido.

De todas as coisas que me atraem, nenhuma toca o meu coração, embora todas juntas pertubem os meus sentimentos, de modo a fazer com que eu esqueça o que sou e qual o meu lugar.

4

⁴ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*, São Paulo, Companhia das Letras, 1986, p.17.

Byung-Chul Han

Hoje em dia o tempo de celebração desapareceu totalmente em prol do tempo de trabalho, que acabou se tornando totalitário.

A própria pausa se conserva implícita no tempo de trabalho.

Ela serve apenas para nos recuperar do trabalho, para poder continuar funcionando.

5

⁵ HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, p. 113.

Byung-Chul Han

A vida hoje se transformou num sobreviver. A vida enquanto um sobreviver acaba levando a histeria da saúde. A pessoa sadia irradia paradoxalmente um quê de mórbido, algo de sem-vida.

A mera vida sadia, que hoje adota a forma do sobreviver histérico, converte-se no morto; sim, num morto-vivo.

Nós nos transformamos em zumbis saudáveis e fitness, zumbis do desempenho e do botox. Assim hoje, estamos por demais mortos para viver, e por demais vivos para morrer.

6

⁶ *Idem*, pp.117-119.

Burnout dos emojis

A criação dos meus fantasmas amarelos 😄😭👉😜😡🧨

Além do *emoji* chorando de rir, existem diversos gêneros de *emoji* que vão desde expressões faciais à objetos, lugares, animais.

De origem japonesa, os *emojis* são pictogramas usados comumente em mensagens de texto e mídias sociais.

Em 2013, os *emojis* se popularizaram nos *smartphones* para complementar os sinais de pontuação tradicionais, podendo substituir palavras ou enfatizar emoções.

Byung-Chul Han

A sociedade paliativa é, ademais, uma sociedade do curtir. Ela degenera em uma mania de curtidão. Tudo é alisado até que provoque bem estar.

O like é o signo, sim, o analgésico do presente. Ele domina não apenas as mídias sociais, mas todas as esferas da cultura.

Nada deve provocar a dor. Não apenas a arte, mas também a própria vida tem que ser instagramável, ou seja, livre de ângulos e cantos, de conflitos e contradições que poderiam provocar dor.

1

¹ HAN, Byung-Chul. *Sociedade paliativa: a dor hoje*. Tradução de Lucas Machado. 1ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021, p. 14.

2

Os primeiros *emojis* surgiram em 1997, criados por Shigetaka Kurita para uma companhia telefônica japonesa, com o intuito de "transmitir pensamentos ou emoções sem inspirar sentimentos de gosto ou desgosto fortes na forma como uma imagem poderia representar." (NEGISHI, 2014, apud, PAIVA, 2016)

² NEGISHI, M. (2014). *Meet Shigetaka Kurita, the Father of Emoji*. Wall Street Journal, apud PAIVA, V.L.M.O. (2016). A Linguagem dos Emojis. In: Scielo Brasil. Disponível em <https://doi.org/10.1590/010318134955176321>. Acesso em 11 de agosto de 2022.

Uma emoção é algo que o indivíduo arranca de si - um movimento de dentro para fora (do latim *emovere*, mover para o exterior).

Em uma sociedade que preza pelo excesso de positividade, parece não haver espaço para sentimentos negativos, que são prontamente rejeitados pelos sujeitos do desempenho.

Observo assim que mesmo os *emojis* que representam emoções consideradas negativas, como a tristeza ou a raiva, não são angustiantes ou ameaçadores.

Não há monstruosidade em seus pequenos rostos amarelos. São representações de emoções "alisadas até que provoquem bem-estar". O amarelo dos *smileys*, inclusive, foi originalmente escolhido por ser considerado uma cor que transmite a alegria.

Byung-Chul Han

3

Seja feliz é a nova fórmula da dominação. A positividade da felicidade reprime a negatividade da dor.

Como capital positivo, a felicidade deve garantir uma capacidade para o desempenho ininterrupta.

Automotivação e auto-otimização fazem o dispositivo neoliberal muito eficiente, pois a dominação se exerce sem nenhum grande esforço.

O submetido nem sequer tem consciência de sua submissão. Ele se supõe livre. Sem qualquer coação estranha, ele explora a si mesmo, crente de que, desse modo, ele se concretiza.

³ HAN, Byung-Chul. *Sociedade paliativa: a dor hoje*. Tradução de Lucas Machado. 1ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021, p. 23.

De acordo com Byung (2017), o exagero de positividade se manifesta como excesso de estímulos, informações e impulsos, que fragmentam e destroem a atenção, tornando-a dispersa.

Ele narra que essa dispersão geral que marca a sociedade de hoje não permite que surja a ênfase e a energia de sentimentos que radicam numa negatividade, como os sentimentos de ira, angústia e luto.

Em um regime neoliberal, onde o *marketing* é predominante em qualquer relação, profissional ou afetiva, os sujeitos passam a não aceitar emoções negativas por acreditarem que ao senti-las, eles prejudicam o seu desempenho.

Paula Sibilia

Nesta cultura das aparências, do espetáculo e da visibilidade, já não parece haver motivos para mergulhar naquelas sondagens em busca dos sentidos abissais perdidos dentro de si mesmo.

Em lugar disso, tendências exibicionistas e performática alimentam a procura de um efeito: o reconhecimento nos olhos alheios e, sobretudo, o cobiçado troféu de ser visto.

Cada vez mais, é preciso aparecer para ser.

4

⁴ SIBILIA, Paula. *O show do Eu: A intimidade como espetáculo*. 2ª edição. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto, 2016, p. 151.

Byung-Chul Han

5

O sujeito de desempenho projeta a si mesmo na linha do eu-ideal. O eu-ideal exerce uma pressão positiva no eu.

O projetar-se do eu-ideal é explicado como um ato de liberdade. Se o eu se enreda num eu-ideal inalcançável, vê-se literalmente fatigado por ele.

Do fosso que se abre então entre o eu real e o eu ideal, acaba surgindo uma autoagressividade.

Frente ao eu-ideal, o eu real aparece como fracassado.

O sujeito de desempenho explora a si mesmo, até consumir-se completamente (burnout).

⁵ HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, pp. 100-102.

Imersa nessa cultura instagramável, que conta com uma infinidade de filtros embelezadores que nos permitem apagar e alisar marcas da pele, modificando completamente nossas aparências em busca de um "eu-ideal" para ser curtido pelo olhar alheio, começo a imaginar se as pessoas tivessem, literalmente, rostos de *emojis*, pensando essas figuras como representações de emoções ideais a serem sentidas.

Movida por essa curiosidade de imaginar uma vida teatralizada pelos ideogramas amarelos, pesquisei imagens de pessoas usando máscaras ou filtros de *emoji*. Durante a pesquisa, me deparei com uma marca de *skincare* que produz máscaras faciais de beleza com essa temática.

Com uma variedade de designs, a apresentação do produto é agradável e divertida, prometendo transformar seu rosto em seu *emoji* favorito enquanto deixa sua pele impecável.





Porém, quando sobrepostas em rostos reais, as máscaras transformavam as pessoas em figuras aterrorizantes. As *selfies* compartilhadas pelos clientes acabaram virando memes na rede e foram inspiração para pintá-las, pensando essas imagens como retratos do mundo digital.



"Chorrindo"

Pamella Anderson

2019

Acrílica sobre tecido de emojis

100 x 100 cm



"Blogueirinha"
Pamella Anderson
2019
Acrílica sobre tecido de emojis
100 x 100 cm

Dethlefsen & Dahlke

A tentativa de apresentar ao mundo uma máscara começa pela cosmética e acaba grotescamente na cirurgia estética: estica-se a pele da cara.

É curioso verificar como tantos se preocupam tão pouco em perder a face!

Por detrás de toda esta ânsia de querer parecer aquilo que não se é descortinamos a realidade de que a pessoa de quem o Ser Humano menos gosta é de si mesmo.

Gostar de si mesmo é das coisas mais difíceis do mundo.

Aquele que julga gostar de si mesmo e que julga que se ama estará seguramente a confundir o seu Ser com o seu ego pequeno e mesquinho.

Geralmente apenas julga que se ama a si mesmo quem não conhece a si próprio.

Dado que a nossa personalidade no seu conjunto, a sombra incluída, não é do nosso agrado, procuramos constantemente modificar e polir a nossa imagem. Mas enquanto se não modificar o Ser interior - ou seja, o espírito - tudo não passará de mera cosmética.

6

⁶ DETHLEFSEN, Thorwald & DAHLKE, Rüdiger. *A doença como caminho: Uma visão nova da cura como ponto de mutação em que um mal se deixa transformar em bem*. 1ª edição. Ipiranga, SP: Cultrix, 1992, p.194.

A deformação da figura do *emoji* passa a me interessar cada vez mais, então continuo a pesquisa de imagens a fim de fugir das representações "alisadas", esbarrando nos *emojis* "amaldiçoados".

- ⁷ De acordo com o site *The Meme Wikia*, os *emojis* amaldiçoados são uma espécie de *emojis* corrompidos. Eles variam em moralidade e hostilidade e foram usados para criar conteúdo surreal em [2019-2020](#).

O *emoji* estressado é, sem dúvida, o mascote dos *emojis* amaldiçoados, por ser o mais popular. Comumente usado para retratar estresse e pânico, esse *emoji* possui olhos vermelhos, como se seus vasos sanguíneos tivessem dilatados e ele estivesse a beira de um colapso nervoso.



⁷ Informações fornecidas pelo site *The Meme Wikia*. Disponível em https://meme.fandom.com/wiki/Cursed_Emojis. Acesso em 12 de agosto de 2022.

Outro *emoji* que ganhou destaque é uma versão amaldiçoada do *emoji* chorando de rir. Com olhos arregalados e lágrimas, em sua descrição é como se ele não conseguisse parar de rir, até mesmo em situações inconvenientes, como um funeral, por exemplo.

Como fantasmas renegados pelo mundo digital, os *emojis* amaldiçoados são representações de emoções que fogem do padrão esperado por uma sociedade que adocece sob o excesso de positividade.



No irromper da pandemia de Covid-19, realizo a série intitulada "Quando os alimentos acabarem nos mercados, não teremos outra escolha, teremos que nos comer", composta por 5 pinturas de 60 x 60 cm cada.

Nas obras, embaralham-se *emojis* amaldiçoados, pessoas mascaradas e memes de corona vírus. A sobreposição de imagens na tela de pintura lembra o efeito de vírus ao contaminar um dispositivo eletrônico, que faz abrir várias janelas simultaneamente.



"pspspspsp"

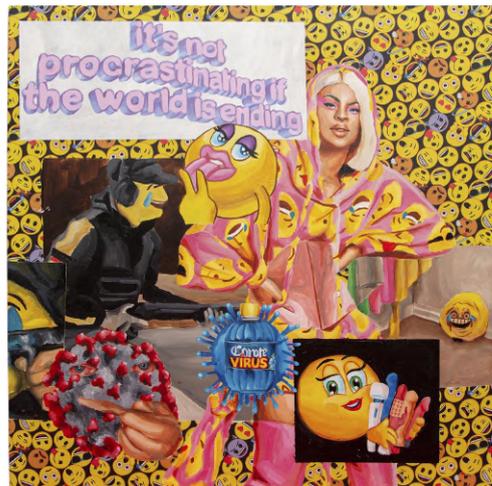
Da série Quando os alimentos acabarem nos mercados, não teremos escolha, teremos que nos comer

Pamella Anderson

2020

Acrílica sobre tecido de emojis

60 x 60 cm



"It's not procrastinating if the world is ending"

Da série Quando os alimentos acabarem nos mercados, não teremos escolha, teremos que nos comer

Pamella Anderson

2020

Acrílica sobre tecido de emojis

60 x 60 cm

Um dos tratamentos sem comprovação científica propagandeado pelo governo foi o uso da hidroxicloroquina. Por várias vezes, Bolsonaro se deixou fotografar e filmar com embalagens do medicamento, exibindo como a cura para o vírus até para as emas do Palácio da Alvorada.

Vivenciar esse espetáculo de absurdos em torno do remédio mexeu comigo de forma inusitada, pois em março de 2020, ao mesmo tempo do irromper da pandemia, fui diagnosticada com lúpus, uma doença autoimune, me tornando usuária da hidroxicloroquina para me manter viva.



8

⁸ Presidente Jair Bolsonaro no jardim do Palácio da Alvorada mostrando a caixa do remédio cloroquina para as emas. Registro de Sérgio Lima (Poder360), 2020. Disponível em <https://www.poder360.com.br/midia/fotos-de-bolsonaro-exibindo-cloroquina-para-ema-viram-meme-na-internet/>. Acesso em 12 de agosto de 2022.

Em quarentena, tive que lidar com o inesperado adoecimento crônico, tentando me reconhecer no meu corpo se autodestruindo em um momento extremamente caótico.

O lúpus é um ataque do próprio corpo contra ele mesmo. Ainda um mistério para a ciência, alguns profissionais consideram as doenças autoimunes como enfermidades psicossomáticas, ou seja, que tem sua origem na mente e se desenvolvem ao longo do corpo.

A paciente Pamella Soares de Souza, DN: 25-06-94; 26 anos, Cartão do SUS: portadora de Lupus Eritematoso Sistêmico há um ano. Em uso contínuo de Hidroxicloroquina

Oriento da necessidade da vacinação contra Covid por se tratar-se do grupo de Risco para a doença.

A paciente Pamella Soares de Souza, DN: 25-06-94; 26 anos, Cartão do SUS: portadora de Lupus Eritematoso Sistêmico há um ano. Em uso contínuo de Hidroxicloroquina

Oriento da necessidade da vacinação contra Covid por se tratar-se do grupo de Risco para a doença.

A paciente Pamella Soares



contínuo de Hidroxicloroquina

Oriento da necessidade da vacinação contra Covid por se tratar-se do grupo de Risco para a doença.

A paciente Pamella Soares de Souza, DN: 25-06-94; 26 anos, Cartão do SUS: portadora de Lupus Eritematoso Sistêmico há um ano. Em uso contínuo de Hidroxicloroquina

Oriento da necessidade da vacinação contra Covid por se tratar-se do grupo de Risco para a doença.

A paciente Pamella Soares de Souza, DN: 25-06-94; 26 anos, Cartão do SUS: portadora de Lupus Eritematoso Sistêmico há um ano. Em uso contínuo de Hidroxicloroquina



A paciente Pamella Soares de Souza, DN: 25-06-94; 26 anos, Cartão do SUS: portadora de Lupus Eritematoso Sistêmico há um ano. Em uso contínuo de Hidroxicloroquina

Oriento da necessidade da vacinação contra Covid por se tratar-se do grupo de Risco para a doença.

Argumentam que o lúpus seria o resultado da incapacidade de verbalizar emoções, como uma resposta defensiva à desintegração emocional.

Começo a refletir se a minha obsessão pelos *emojis* de algum modo também revelava, inconscientemente, um afastamento das minhas próprias emoções.



"Essa festa virou um enterro"

Pamella Anderson

2021

Acrílico sobre tela

160 x 100 cm

A partir desses acontecimentos 🤔 tragicômicos 😭 na minha vida, em 2021 realizei a obra "*Essa festa virou um enterro*", uma pintura "amaldiçoada" em que construí uma festa de aniversário caótica simbolizando 1 ano de pandemia, onde me represento com a mesma máscara de emoji utilizada nas performances de 2019, cercada de elementos visuais do *Whatsapp*, emojis amaldiçoados e dos vários remédios que a passei a tomar com a condição do lúpus, além da hidroxicloroquina.

Um novo personagem também entra em cena, o *Zapinho*, um mascote do *Whatsapp* que segura armas prontas para disparar suas engenhosas *fake news*.



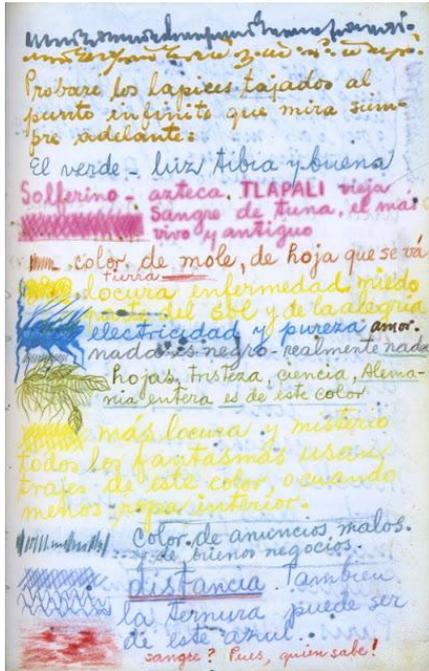
Detalhes da obra "*Essa festa virou um enterro*"



Detalhes da obra *"Essa festa virou um enterro"*



Detalhes da obra "Essa festa virou um enterro"



9

Em uma das páginas de seu diário, Frida Kahlo escreveu os significados que atribuía às cores em suas obras. Para a artista, o amarelo representava "loucura, doença, medo" e, em contrapartida, "parte do sol e felicidade".

Uma das frases sobre a cor amarela me chama especialmente a atenção: "mais loucura e mistério, todos os fantasmas usam roupas desta cor, ou no mínimo, sua roupa interior". Essa frase intrigante me faz pensar nas formas humanóides amarelas em minhas pinturas.

Seriam meus fantasmas?

O que me assombra?

O que eu gostaria de revelar?

O que eu gostaria de esconder?

 Mensagem apagada

⁹ Página do diário de Frida Kahlo, 1944/1954. Disponível em <https://artsandculture.google.com/asset/p%C3%A1gina-del-diario-de-frida-kahlo-frida-kahlo/XqEuN8af0PttDQ?hl=pt-BR&childassetid=3AEauCRP57TA&A>. Acesso em 16 de agosto de 2022.

Como uma extensão da máscara de *emoji*, me aproximo da cultura *zentai* como fonte de imagens para a construção do corpo desses fantasmas amarelos.

Zentai, do japonês *zenshin taitsu*, em uma tradução literal quer dizer "o corpo todo". É uma manifestação artística - e sexual - que surgiu nos teatros do Japão.

Na prática do *zentai*, as pessoas vestem uma roupa justa comumente feita de elastano que cobre o corpo todo, proporcionando uma segunda pele e uma identidade secreta aos praticantes.

Tendo suas identidades literalmente cobertas, as pessoas trocam carícias de forma anônima, o que permite maior sensação de liberdade para suas fantasias.

10

¹⁰ Informações fornecidas pelo site *Wikipedia*. Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/Zentai>. Acesso em 16 de agosto de 2022.





11

¹¹ Performance Zentai na Kandahar Street, por Yuzuru Maeda. Singapura, 2017. Disponível em <http://www.zentaiart.com/kandahar-street.html>. Acesso em 16 de agosto de 2022.

Dethlefsen & Dahlke

A pele é a nossa fronteira material externa e, ao mesmo tempo, através da pele entramos em contato com o exterior - é com ela que tocamos no nosso entorno.

Sentimos na pele o mundo que nos rodeia e por mais que queiramos não podemos sair da nossa pele.

A "segunda pele", constituída pela roupa, apenas serve para acentuar a inibição e a intangibilidade.

Inversamente, o ato de se despir é o primeiro passo no sentido da abertura, e o sol substitui de modo inofensivo o tão ansiado mas temido calor do corpo alheio.

12

¹² DETHLEFSEN, Thorwald & DAHLKE, Rüdiger. *A doença como caminho: Uma visão nova da cura como ponto de mutação em que um mal se deixa transformar em bem*. 1ª edição. Ipiranga, SP: Cultrix, 1992, pp.190-196.

Para os pacientes de lúpus é necessário evitar o sol, com o uso de protetor solar ou barreiras físicas, como o uso de roupas que não expõem muito a pele à luz solar.

Enquanto na vida real por vezes esqueço essas medidas de proteção, em minhas pinturas pareço não exitar em cobrir meus personagens em uma roupa da "cor do sol".

Ao tentar entender minha doença como um caminho, penso que os fantasmas amarelos em minhas pinturas parecem ser a forma que encontrei de processar minhas emoções diante de todo caos, interno e externo, que tenho vivido.



Assim, o fazer artístico parece despertar em mim "a luz solar" através de um processo de autoconhecimento das dualidades que moram em todos nós, onde convivem luz e sombra, não sendo apenas exclusividade de quem têm lúpus.

Associo essa "luz solar" à ideia de *conatus* de Spinoza, que é o esforço de perseverar na existência. No corpo o *conatus* se chama apetite e na alma, desejo.

Marilena Chauí

13 Sendo uma força interna para existir e conservar-se na existência, o *conatus* é uma força interna positiva ou afirmativa, intrinsecamente indestrutível, pois nenhum ser busca a autodestruição.

¹³ CHAUI, Marilena. *Paixão, ação e liberdade em Espinosa*. Folha de S. Paulo, São Paulo. 2000.

14

Dethlefsen & Dahlke

A proteção natural da pele é substituída por uma couraça: a pessoa decide colocar uma armação blindada em torno de si própria. Não quer que nada entre nem saia. Por detrás desta defesa esconde-se o medo de ser ferido. Quanto mais robusta for a defesa e mais espessa a couraça, maiores serão a sensibilidade e o medo.

Com os animais sucede o mesmo: se retirarmos a carapaça a um crustáceo nos depararmos a uma criatura branda e vulnerável. As pessoas aparentemente defensivas e que não deixam ninguém aproximar-se delas são na verdade as mais sensíveis.

De qualquer das maneiras, o desejo ardente de querer proteger a alma com o auxílio de uma couraça não deixa de revestir um certo caráter patético. É que se a couraça protege na verdade dos ataques exteriores, ela impede também a entrada do amor e da ternura.

O amor exige abertura, mas nesse caso a defesa fica comprometida. A carapaça afasta a alma do Rio da Vida e oprime-a - e a angústia cresce. Torna-se cada vez mais difícil ao indivíduo subtrair-se a esse círculo vicioso.

Mais cedo ou mais tarde o Ser Humano terá de se resignar a suportar a ferida que tanto teme, para poder então descobrir que a sua alma não sucumbe, bem pelo contrário. Urge tornarmo-nos vulneráveis para podermos viver a magia da vida.

¹⁴ DETHLEFSEN, Thorwald & DAHLKE, Rüdiger. *A doença como caminho: Uma visão nova da cura como ponto de mutação em que um mal se deixa transformar em bem*. 1ª edição. Ipiranga, SP: Cultrix, 1992, pp.197-198.



"Sonhos molhados com Zé Gotinha"

Pamella Anderson

2022

Acrílica sobre tela

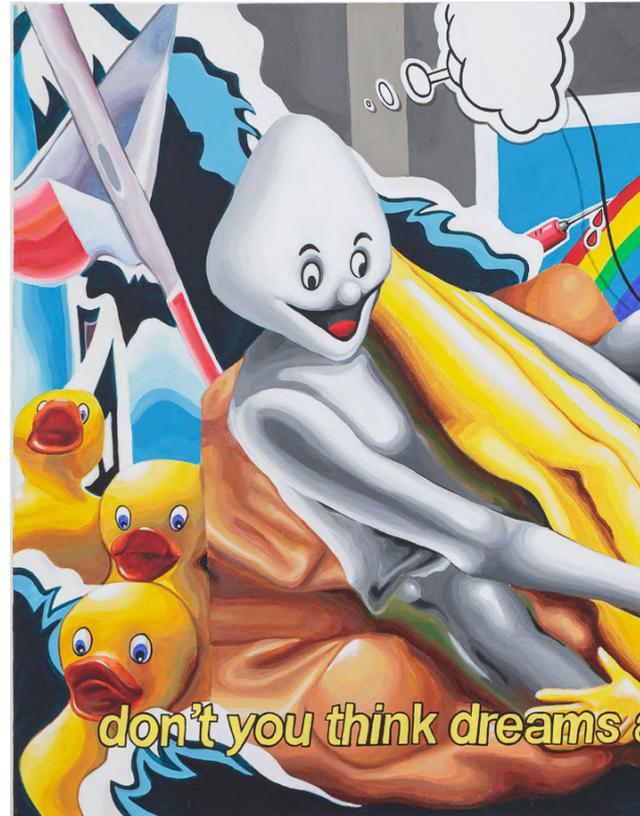
70 x 110 cm

Carl G. Jung

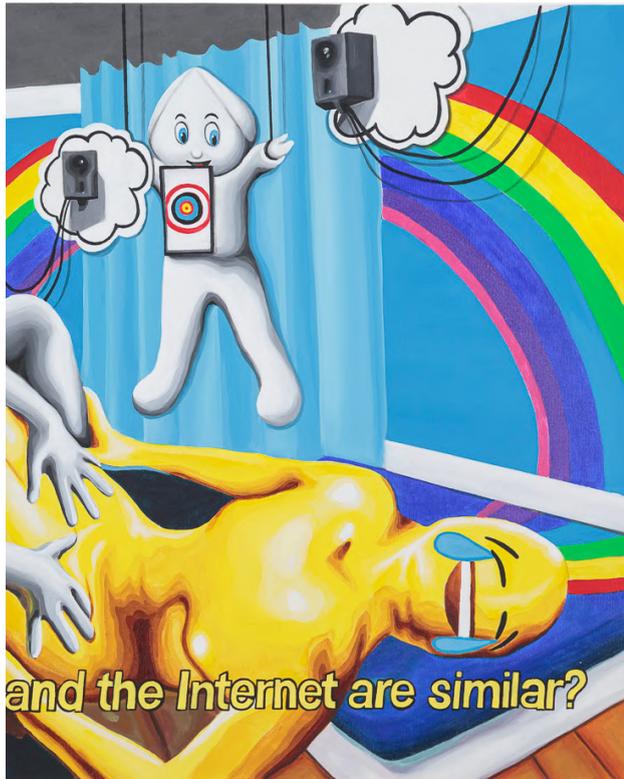
15

A faculdade de controlar emoções que, de um certo ponto de vista, é muito vantajosa, seria, por outro lado, uma qualidade bastante discutível já que despoja o relacionamento humano de toda a sua variedade, de todo o colorido e de todo o calor. É sob esta perspectiva que devemos examinar a importância dos sonhos - fantasias inconscientes, evasivas, precárias, vagas e incertas do nosso inconsciente.

¹⁵ JUNG, Carl G. *O homem e seus símbolos*. Tradução de Maria Lúcia Pinho. 3ª edição especial. Rio de Janeiro, RJ: Harper Collins Brasil, 2016, p. 25.



don't you think dreams a



16 **Yasutaka Tsutsui, Paprika**

Você não acha que sonhos e internet são parecidos? Ambos são áreas onde a mente consciente reprimida desabafa.

¹⁶ PAPIKA. Direção: Satochi Kon. Produção: Masao Takiyama & Jungo Maruta. Japão: Madhouse. Sony Pictures Classics, 2006.



"Bem vindo ao Zapverso"
Pamella Anderson
2022
Acrílica sobre tela
80 x 110 cm



17 **Carl G. Jung**

Os sonhos têm uma textura diferente. Neles se acumulam imagens que parecem contraditórias e ridículas, perde-se a noção de tempo e as coisas mais banais se podem revestir de um aspecto fascinante ou aterrador.

17 JUNG, Carl G. *O homem e seus símbolos*. Tradução de Maria Lúcia Pinho. 3ª edição especial. Rio de Janeiro, RJ: Harper Collins Brasil, 2016, p. 43.

Bem vindo ao Zapverso

E bom dia para o fim do mundo



À medida em que vou jogando luz nos meus fantasmas íntimos, eles também parecem refletir o que vêm nos assombrando enquanto sociedade - há muita ansiedade e medo no mundo. Não sabemos o que nos reserva o futuro. Tem sido cada vez mais difícil construir alegria em meio a pandemia de dores na qual estamos mergulhados.

A navegação pela internet pressupõe uma sociedade recheada de passageiros solitários em seu próprio barco, sentimento que foi intensificado durante o período de distanciamento social da Covid-19.

Em um momento em que o mundo se restringia às nossas casas e às telas eletrônicas, fiz das minhas pinturas janelas para resistir aos problemas experimentados na minha existência, assim como também de criar esperança diante do caos que todos nós estamos passando.

Dito isso, as interações que tive no virtual foram fundamentais para me lembrar de que não estamos sozinhos.

Cristiane, Kaio e Alexandre

A esperança está em que nossa prática tanto é afetada pela internet como a nossa diversidade de apropriação a altera.

Por essa razão reconhecemos as interações humanas nas redes sociais como um espaço potencial para a realização da promessa de apropriação crítica e criativa das tecnologias.

Estes novos espaços públicos presentes no ciberespaço (aplicativos como: Facebook, Twitter, Whatsapp Messenger, Instagram, entre outros) acolhem a sociabilidade contemporânea e são espaços de expressão da organização social.

No ciberespaço, as pessoas se relacionam, trocam informações e recurso, mas também constituem redes de laços interpessoais que proporcionam sociabilidade, apoio, integração e identidade social.

Quando criam vínculos de alguma ordem e constroem algo em comum, elas formam comunidades tão intensas como as presenciais (WELLMAN; GULIA, 1999).

1

¹ PORTO, Cristiane; OLIVEIRA, Kaio Eduardo & CHAGAS, Alexandre. *Whatsapp e educação: entre mensagens, imagens e sons*. Salvador, Ilhéus: EDUFBA; EDITUS, 2017, p.30.



"Pergunta lá no Zapiranga"

Pamella Anderson

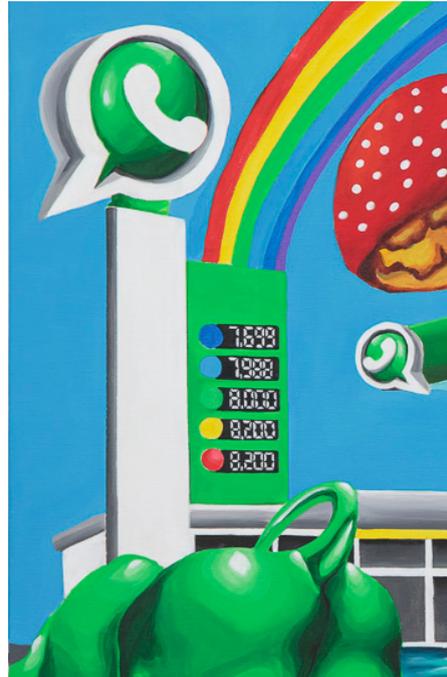
2022

Acrílica sobre tela

80 x 100 cm

Em meio ao mar de desinformações, onde somos diariamente atravessados por *fake news* e mensagens de bom dia no *Whatsapp*, surge o *Zapverso*, um universo fictício que venho construindo a partir de memes e imagens que encontro na internet e elementos oníricos.

Dentro do *Zapverso*, personagens do imaginário brasileiro e outros criados por mim habitam cenários fantasiosos, em uma atmosfera de sonho ou pesadelo: vai depender da sua perspectiva sobre a terra plana.



Ingrid Gerolimich

Para indivíduos que experimentam uma existência baseada no desamparo, trazer para a mesa discussões como o formato da Terra e teorias da conspiração de toda espécie, é, talvez, desviar-se do medo de se estar só diante de um mundo forjado na individualização e em relações extremamente desiguais entre as diferentes existências.

Assim, podemos ver que a batalha da comunicação não está apenas no campo racional da informação, mas também no campo das emoções, no lugar onde constantemente afetamos e somos afetados.

2

² GEROLIMICH, Ingrid. *A potência do sensível em tempos de ciberfascismo*. Revista Cult, São Paulo. 2020. Disponível em <https://revistacult.uol.com.br/home/potencia-sensivel-tempos-ciberfascismo/>. Acesso em 22 de agosto de 2022.



A partir de uma abordagem lúdica das notícias e da mídia política, combino referências da cultura pop e um humor absurdo, tornando as obras coloridas, polêmicas e atrativas ao olhar.

Ao aproximar a linguagem da pintura aos memes da internet, utilizo o humor em minha produção artística como forma para subverter e dialogar com a realidade brasileira que vivemos.

Nessa perspectiva, o absurdo funcionaria como uma ponte que nos permite ressignificar nossos problemas políticos e sociais e sair desta espécie de transe coletivo.

O cômico não como alienante, mas como um potencial aliado para o resgate de uma força coletiva perante os afetos tristes aos quais temos sido bombardeados.

Referências bibliográficas

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**, São Paulo, Companhia das Letras, 1986.

CARDOSO, Bruno Dias. **Notícias falsas e democracia: Bolsonaro e o Whatsapp nas eleições de 2018**. Trabalho de conclusão de curso (Especialista em Mídia, Informação e Cultura) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

CHAUÍ, Marilena. **Paixão, ação e liberdade em Espinosa**. Folha de S. Paulo, São Paulo. 2000.
Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2008200006.htm>. Acesso em 23 de agosto de 2022.

DETHLEFSEN, Thorwald & DAHLKE, Rüdiger. **A doença como caminho: Uma visão nova da cura como ponto de mutação em que um mal se deixa transformar em bem**. 1ª edição. Ipiranga, SP: Cultrix, 1992.

GEROLIMICH, Ingrid. **A potência do sensível em tempos de ciberfascismo**. Revista Cult, São Paulo. 2020. Disponível em

<https://revistacult.uol.com.br/home/potencia-sensivel-tempos-ciberfascismo/>. Acesso em 22 de agosto de 2022.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade paliativa: a dor hoje**. Tradução de Lucas Machado. 1ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. Tradução de Maria Lúcia Pinho. 3ª edição especial. Rio de Janeiro, RJ: Harper Collins Brasil, 2016.

MONTEIRO Lunardi, Gabriela & BURGESS, Jean. “**É Zoeira**”: **as dinâmicas culturais do humor brasileiro na internet**. In Chagas, Viktor (Ed.) *A cultura dos memes. Aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital*. EDUFBA, Salvador, 2020.

PAIVA, V.L.M.O. (2016). **A Linguagem dos Emojis**. In: Scielo Brasil. Disponível em <https://doi.org/10.1590/010318134955176321>. Acesso em 11 de agosto de 2022.

PEREIRA, Matheus Baccarin. **#EleiçãoSemLulaÉFraude x #MoluscoNaCadeia: memes no julgamento do Lula e o confronto de enquadramentos por meio do humor.** Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciência Política)— Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

PORTO, Cristiane; OLIVEIRA, Kaio Eduardo & CHAGAS, Alexandre. **Whatsapp e educação: entre mensagens, imagens e sons.** Salvador, Ilhéus: EDUFBA; EDITUS, 2017.

SIBILIA, Paula. **O show do Eu: A intimidade como espetáculo.** 2ª edição. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto, 2016.

WISNIK, Guilherme. **Dentro do nevoeiro: arquitetura, arte e tecnologia contemporâneas.** 2ª reimpressão. São Paulo, SP: Ubu, 2020.